

Depoimento de Dona Adelaide Rocha*

Account of the Lady Adelaide Rocha

Meu marido [Seu Leocádio] já nasceu aqui mesmo. A família dele já era daqui. Ele nasceu em 1932, 27 de abril de 1932, quando ele nasceu. A mãe dele chegou aqui em 1910, 1913 por aí. Eu conheci meu esposo aqui mesmo. Quando eles vieram para cá, que eu estou falando, é quando Nimuendajú estava catando os índios por aí, lá por Barão [de Antonina], lá pelo litoral. Ele foi no Barão trouxe um povo de lá, depois foi lá para Santos e trouxe outro povo de lá para acampar aqui, porque aqui estava sem ninguém, quando os Kaingang já tinham deixado essa terra. Aí, que ele foi catar os índios por aí, para trazer para cá. Nessa ocasião que ela veio com a família dela. Ainda ela contava para nós que o pai dela largou o cafezal, largou os maquinários de fazer farinha, largaram tudo para lá, para vir embora para cá. Aí, veio ela, vieram as primas dela. Só que é que nem eu estou falando: uns não se acostumaram, voltaram para trás, esse povo que está para lá, os parentes dela, tem o Toninho, tem o Isec, tem o Enoque, tem o... sei lá, tem mais o capitão Branco, ela sempre falava do [Capitão] Antônio Branco que você falou. Você perguntou se eu conheci? Ele veio uma vez, ele e o filho dele, o Fernando [Branco], a gente conheceu e eles ficaram aqui. E essa gripe espanhola veio e matou todo mundo, morreram todos, só ficou ela da família; morreu a irmã dela, morreu o irmão, morreu o sobrinho, o esposo, tudo, ficou ela, ela quase morreu também. Ela falou que foi Deus que não quis que ela morresse e ela ficou, que era para ela contar as histórias. Aí, ela casou e aqui ela produziu os filhos, os filhos casaram, veio os netos, e ela faleceu agora. Em 1996, acho que ela faleceu; e só ficou nós aqui, os filhos, as noras.

Foi em 1996. Quer ver, faz dez anos que ela faleceu. E, quando ela faleceu, o Samuel ainda não tinha nascido, ele nasceu em 30 de abril de... não sei se é de 1996 ou 1995, uma coisa assim. E o Samuel nasceu no dia 30 de maio, um mês

* Setembro 2005, colhido por
Maria Inês Ladeira.

depois que ela faleceu, tem dez anos; está com dez anos e pouquinho que ela faleceu.

Há muito tempo ela ficou viúva, quando foi a revolução de 1932, foi quando meu esposo nasceu, logo ele faleceu. É o Marcolino, faleceu foi em 1934, 1935 por aí que ele faleceu, esposo dela, que logo depois que ele voltou da revolução, com a turma dele, ele faleceu, foi quando meu esposo nasceu, quando ele estava para lá na revolução, ele estava engatinhando, ela sempre falava que quem cuidava dele para ela era essa Lavínia, irmã da Jovina, e ela, sei lá, ela era uma rezadeira muito forte, que é mãe da mãe da Esmeraldina. De lá, ele mantinha contato com ela aqui, então aqui ela não comia, não bebia, e ela cuidava do menino para ela; de vez em quando, assava batata para ela comer, ela não comia comida direito. Foi nesse tempo que ele faleceu, ele faleceu aqui.

Nesse tempo, os Guarani moravam tudo aqui perto; nesse tempo que eu estou falando que deu a gripe espanhola. E eles falaram que tinha mais de 300 famílias aqui tudo Guarani, não tinha outra mistura, tinha gente do Batalha até aqui, morador. Tinha uma casa grande no Batalha e outra aqui. Quando chegava o tempo de reza ou eles vinham de lá, ou eles iam para lá, o grupo, tinha um rezador aqui, o outro lá. Depois que entrou essa gripe, acabou, só ficou no máximo cinquenta famílias de Guarani, foi daí que o chefe, esse Prado, foi buscar os Terena, e trouxe cinco famílias de lá para cá, para reforçar as famílias que ficaram aqui, os Kaingang estavam ameaçando de voltar, atacar eles aqui, foi daí que veio os Terena. Aí veio, um por um, e está aí toda a tropa agora.

Entre as famílias que ficaram, ficou a da minha sogra. É, ficou ela, ficou mais família, família da mãe da Esmeralda, família do Dário, família do falecido Emílio, sei lá, ficaram várias famílias, depois, que nem a família da mãe da Esmeralda foram embora para Laranjinha [Paraná] e morreram todos para lá. O pai da mãe da Esmeralda, e tem outros também de Ekeruá, eles foram todos daqui embora. Essa avó da Esmeralda era irmã de criação da finada minha sogra, a tal de Amélia. É irmã de criação, o pai dela que acabou de criar ela. Eles foram embora para Laranjinha, e ficou só mesmo a família dos Marcolino aqui, e o resto que está aqui agora. Tem gente que nunca saiu daqui.

E quando teve essa gripe, o cemitério era em Avaí, é na cidade, em Avaí, lá tem muitos índios sepultados. E quando eles não aguentaram mais carregar defunto para lá, foi que eu falei para você, eles abriram um cemitério lá no fundo do Batalha, e eu cheguei a conhecer um pedacinho. A gente sabe só que acabou, eu falei para ela que tinha carreira de palmeira plantada quando eu conheci, as valas que eram cercadas, tinha o portãozinho, dois pés de coqueiro no chão. Essa parte eu cheguei conhecer. Eles, quando eles não aguentavam mais carregar o povo para lá [Avaí], aí eles abriram esse cemitério, aí eu falei

para ela já hoje, eles chegaram sepultar índio sem nada, só faziam o buraco punham lá e enterravam, eles chegavam lá e sepultavam na terra, porque eles não venciam fazer caixão e carregar. Naquele tempo, não tinha condução, era só aquelas carretelas, aqueles bois lerdos, e saía de madrugada para Avaí com um defunto, assim, um em cima do outro. Quando chegava de volta, já era tarde, porque as carretelas eram bem sossegadas, e eram aquelas carretelas de esteira; quando chegavam de tarde, tinha outro tanto para levar de volta. Tinha serraria aqui, mas não vencia fazer caixão, era muita gente.

Aqui mesmo na serraria, naquele tempo tinha uma serraria muito grande, o mato também estava inteiro, então eles faziam tudo aí, faziam móveis, tudo, mesa, cadeira, tudo os índios faziam na serraria. Serrava a madeira para fazer casa, tudo; eles não compravam nada. Talvez eles vendiam, naquele tempo a gente não ligava muito para as coisas, talvez eles vendiam.

Eu acho que nesse tempo da gripe ele [Nimeundajú] estava, com certeza ele estava. Nessa parte, ela não falou. Mas acho que ele estava aqui também, porque, que nem eu falei, essas partes ela não explicou para a gente quando que foi, quando que não. Porque ela não falava português, ela falava no idioma. Ela não deu detalhes do ano, dessas coisas para a gente. A gente tem que basear mais ou menos, se ela chegou aqui mais ou menos com doze anos, e quando essa gripe chegou e matou os índios aqui, ela já era casada, só que ela não tinha filhos, então devia ser lá para 1918, 1920, por aí, mais ou menos. Porque ela casou. Quantos anos ela devia ter quando ela casou? No máximo dezessete, dezoito anos. Logo após o casamento dela, com certeza, entrou essa doença, que ela perdeu o pai, perdeu a mãe, perdeu os irmãos, as irmãs, os cunhados que morreu, teve até uma cunhada dela que morreu nos dias de ganhar o nenê. Todos os irmãos dela, pai e mãe faleceram dessa vez.

Ela era recém-casada e ela falou para mim que ela também pegou essa gripe, aí pegaram ela e levaram ela para a casa da sogra dela, e ela nem viu quando sepultaram o pai dela; dali três dias que eles tinham sepultado o pai dela, que ela estava melhorando da gripe, que ela escutou que o pai dela tinha perdido a mãe dela, então ele era amasiado com a finada madrinha ela escutou, ela vinha chorando, aí ela chegou lá disfarçada, só que ela desconfiou, daí ela perguntou para ela o que tinha acontecido, aí ela contou que fazia três dias que eles tinham sepultado o pai dela. Que tinha morrido o irmão, a cunhada dela, a irmã dela, e eles tinham enterrado o pai dela, e só ficou ela, e falou que ela quase morreu. E daí, quando ela soube que o pai dela morreu, sabe o que ela fez? Ela queria morrer também. Disse que ela foi, tinha uma roça bem grande, disse que ela foi lá, mas que ela chupou tanta melancia, que não tinha quantidade, e que ela estava a fim de morrer. Perdeu toda a família. Aí, disse que em vez de morrer, ela melhorou mais, e estava aqui até agora.

Aí ela se apegou na família do marido dela. Ela era yryjaké, uma danada. Quando era mulher se chamava yryjaké. A mãe dela também, o pai dela também, quando são os homem, nós falamos: yryjaké, xeryké¹, nhanderu², tem muito jeito de falar. Ela falou que tinha muito parente lá no Bananal [Pernambuco], as primas delas que eram irmãs da D. Firmina, ficaram tudo para lá as primas dela, só veio ela, parece que só veio duas primas dela para cá, essa Firmina que é mãe do Aniceto, e a outra eu não cheguei saber o nome dela, que era irmã dela; irmã dela, não, as primas. Agora, as irmãs vieram todas, essas que morreram aqui, e essa irmã de criação que é a Amélia, e que acho que é avó da Esmeralda.

A Lavínia também era prima dela, só que eles não vieram no Bananal, acho. A família dela é daqui do Barão. Ah, sei lá a mistureira que eles faziam, iam um pouco para o Barão, um pouco de lá ia para a cidade. A Dona Firmina era mãe do Seu Aniceto e do Enoque, eles são irmãos. Quando eles foram embora, eles eram do tamanho do Tiaré, os meninos, quando foram embora. Eu conheci bem eles, o Aniceto, o Enoque, o finado Evaristo. Esse Evaristo também são da família do Marcolino, eu acho, que ela falava. Que era família bem grande também, e poderosa nas rezas, nessas coisas, o Evaristo, o capitão Emídio, o resto eu não sei, tem Jiraku; eu não sei o nome dele em português, Bipé também. Era tudo rezador forte que vivia aqui. Eles faleceram tudo aqui. Ela nunca mais voltou para lá pro Bananal.

Eu acho que ela falou uma vez do Samuel para mim. Naquele tempo a gente era muito criança, a gente não guardava as coisas, essas coisas, mesmo que ela me contava, eu guardei um pouco dentro de mim, sabe, ainda eu falo para os meninos: sua avó não falava português, ela falava tudo no idioma, contava história, tudo no idioma. Eu falo sempre para o Claudemir e para os outros, vocês que são estudados, vocês deviam ter escrito as histórias que sua avó contou para vocês e vocês não ligavam. Hoje, talvez, a gente precise e não tem. Mas ela contava muita história, nossa, o que aconteceu lá onde ela morava, depois ela veio para cá, ela contava bastante.

Sim, é que nem eu estou falando, como nesse livro que tem a história deles. Ah! eles vinham do Mato Grosso [do Sul], passava para o Barão, vinha daqui, ia para o Barão, ia para o litoral. Nessa trajetória, eu acho que eles se misturaram tudo, os Marcolino com os Honório, a família da Maria Luciana, do capitão Emílio e do Evaristo, é tudo parentesco; ela contava tudo essas partes aí, só que a gente não guardou tudo. Sabe, tem alguma coisa que a gente deixou, principalmente eu, gravado dentro de mim que ela contava, que nem ela contava essas passagens da reza mesmo. O poder que eles tinham, tinha esse tal de Guyraku, o finado Kaju, que é o marido dela; Kaju é o Marcolino. E chegava

¹ Meu irmão maior [nota da presente edição].

² Nosso pai [nota da presente edição].

disputar pesca, assim, a força da reza dele. Uma vez disse que foram pousar na beira do rio, ele disse: “Vamos compadre, vamos ver quem tem mais força que o outro!”. Para você ver a arte deles, daí eles disseram: “Vamos armar um anzol de espera e ver quem vai pegar o peixe maior que o outro”. Com a força da reza que eles tinham, os dois. Aí disse que armaram, quando foi no outro dia, naquele tempo o Batalha era muito grande; era como se fosse daqui até o outro lado de largura, ela falava. Atravessar o Batalha tinha que atravessar de canoa. Aí eles disseram: “Vamos”, armaram, depois foram dormir e, quando foi de manhã cedo, foram lá ver o anzol que tinham deixado; cada um pegou um peixe, parece que um pegou dourado e o outro pegou surubim. Naquele tempo, tinha o rio, era muito grande, foram pescar e disseram que nenhum ganhou do outro, empataram. Tudo igualzinho. Aí, disse que eles chegaram na beira do fogo onde eles estavam dormindo, e cada bitelo de peixe, daí eles falaram: “Ó compadre, é bom a gente parar por aqui, porque se nós continuar desse jeito, não vai ficar bem”. Aí pararam, experimentaram a força, e os dois tinham o poder igual. Eles falaram que era para parar porque daí não ia dar certo. Que uma hora ia acontecer alguma coisa, aí pararam de fazer aquela coisa que eles estavam fazendo. E outra coisa que ela me contou: contou das passagens, de quando o marido dela foi para a revolução, contou o que foi acontecido aqui na serraria quando mataram o rapaz, tudo isso ela contou e eu guardei dentro de mim essas coisas; ela falou que ele estava fazendo uma derrubada, aí é força espiritual, não é mais história, quer dizer, é uma história diferente. Aí disse que ele estava derrubando, e sabe, naquele tempo, os índios não comiam arroz, feijão, essas coisas que nós comemos hoje. Ela estava fazendo farinha, e ele ia fazer derrubada no mato para plantar milho, arroz, essas coisas. E de lá ele vinha, trazia caça para eles comer com a farinha, e ela ficou em casa, daí disse que ele falou assim: “Faz a farinha aí, que na hora do almoço eu trago alguma coisa para nós comermos”. E ela ficou lá. Ela socou milho, não sei se ela socou ou ralou, para fazer para ele milho e farinha de mandioca. Aí, lá para as oito ou nove horas, acho que era as oito, e ela estava torrando a farinha e, de repente, chegou um mainó, beija-flor, mas disse que veio para o chão, chegou, rodeou ela, saiu e veio embora para cá, e lá tinha uma casa grande e aqui tinha outra. Acho que ela falou assim: “O que está acontecendo, será?” Aí, ela tirou o primeiro torrado de farinha, colocou na vasilha e ela saiu para fora. Quando ela saiu para fora, ela viu o marido dela, ele vinha correndo de lá, e a camisa dele até chegava voar para trás assim. Ele chegou e falou para ela: “Ó, guarda essa farinha, pega as crianças e vamos embora para cima, vamos na casa grande, eu não sei o que vai acontecer, mas coisa boa não vai ser não”. Aí, disse que ela pegou, guardou todas as coisas e veio com ele, e falou: “Vou com ele, vou fazer o que, né?” Ela não sabia o que estava acontecendo, ele veio, atravessaram a sede ali, vieram aqui em cima, a tia dele morava aqui, que é avó da Esmeralda. Chegou na casa da tia dele,

do jeito que ele vinha vindo, disse que o gosto dele era trazer todo mundo junto. Só que nem todos quiseram vir, algum veio. Chegou na casa da tia dele, ele falou assim: “Tia, vamos comigo para a casa grande, porque eu não sei o que está para acontecer, aconteceu isso comigo lá na roça e eu estou aqui”. Aí, disse que a tia dele, o marido dela trabalhava na serraria, ajudando serrar, fazia açúcar, beneficiava arroz, limpava arroz, fazia tudo ali, fazia fubá, tinha vários índios trabalhando ali, e, no meio, trabalhava um rapaz que era irmão do finado padre Zico, que é irmão do marido da Iracema, que é a família da Esmeralda.

E esse rapaz não era índio, ele trabalhava lá no meio dos índios, trabalhava muita gente ali serrando madeira, fazia fubá, outros faziam farinha de milho, fazia farinha de mandioca, trabalhava muita gente serrando madeira, essas coisas, era uma serraria bem grande. Quando eu lembro assim, parece que eu estou vendo assim, aí ela falou assim, que ela não podia vim porque ela tinha que levar almoço para ao marido dela lá na serraria, aí ele falou assim: “Então, deixa pelo menos um das suas meninas ir comigo”. Aí disse que veio, não sei se foi a Cecília, ou a irmã Jovina, veio com ele para cá, com ele e a finada. Chegaram na casa grande e a turma já se assustaram com aquele monte de rezador, aí disse que ele juntou a turma para rezar e falou para eles assim: “Não sei o que vai acontecer, mais está aqui”. Quando ele abriu a mão, apareceu um livro na mão dele, daí ele começou tirar folha, e quando chegou bem no meio, assim, tinha uma mancha de sangue na folha do livro, kuatiá³ mesmo, não é livro. Kuatiá a gente fala. Aí, disse, quando eles viram aquela mancha de sangue, todo mundo se assustou, aí eles pediram, as mulheres principalmente se assustaram e pediram que não era para deixar acontecer nada entre eles aí com os índios porque era pouquinho. Falou no idioma para eles, que era para o senhor mudar, dele ser no meio dos nossos índios, que ele mudasse, porque o branco tinha monte e nós éramos tão pouquinho. Aí começaram rezar e quando eles estavam terminando a reza, disse que ele viu essa tia dele, estava correndo, quase derrubando o menininho que estava na cintura dela. Não sei, não sei qual das meninas que eram as mais novas que era a caçula, não sei se era a irmã Jovina ou a Cecília. Chegou lá, disse, que ela estava tudo com a roupa cheia de sangue. Aí, disse, que ele olhou para ela e falou: “Eu não falei para você que me acompanhasse e você não quis vir, eu falei, aí de você se você não tivesse mandado uma de suas filhas junto com o Homero, era você que era para estar morta”. Então disse que o rapaz chegou lá e deu tiro no outro e derrubou o menino em cima dela, da Nélia que ela chamava. Ela chegou lá toda manchada de sangue, matou o menino, disse, que jogou no colo dela. E falou: “Se ela não tivesse mandado uma das meninas dela junto, ela que podia ter morrido. Do jeito que derrubou o me-

³ Papel [nota da presente edição].

nino em cima dela podia ter pegado o tiro nela, e matou esse menino só que ele não era índio”. O pedido que as mulheres fizeram, Deus atendeu. Você vê, era índio que ia morrer, e morreu o rapaz branco no lugar dele. Isso o que cumpriu o que ele viu ali, o que eles viram ali na folha, a mulher chegou lá cheia de sangue, desesperada, chorando com o menininho no colo e a roupa cheia de sangue. E era isso que ia acontecer, tudo isso. Fez ele sair desesperadamente da onde ele estava trabalhando para vir reunir o povo na casa grande, para ver o que ia acontecer. Então, todas essas histórias ela contava para nós, sabe, e eu guardei essas partes dentro de mim até hoje. Tem mais histórias que ela contava.

Ela contou que, com a gripe, morreram muitos pajés, morreram bastante; nossa! Ela falava que eram os pajés mais fortes daqui, que era o finado esposo dela que é [...], tinha o Jidioraky, tem Ijoy, tinha o Tupic que era o pai do Dário. Todos esses uns eram rezadores fortes. Nessa ocasião, perderam quase todos, ficaram os outros, os mais fraquinhos. Agora, o finado Marcolino, que é meu sogro, ele não morreu nessa gripe, depois que ele veio da revolução de 32 ele faleceu, eu não sei o que aconteceu com ele, não sei se foi doença, sei lá.

Recebido em 21 de março de 2013

Aprovado para publicação em 9 de abril de 2013

